

O FUNCIONALISMO ALÉTICO CONSEGUE CONTORNAR O CONFLITO ENTRE MONISMO E DEFLACIONISMO NAS TEORIAS DA VERDADE?

Yuri Rodrigues¹

Resumo: O problema que é abordado neste artigo é o problema de escopo da Teoria da Verdade. Segundo a visão tradicional o problema de escopo consiste no fato de que uma teoria da verdade se aplica a um conjunto limitado de portadores de verdade. Pensamos que o problema de escopo assenta no fato de uma teoria da verdade assumir sem fundamentação que apenas as aplicações do conceito de verdade sob o seu domínio de explicação são casos genuínos de verdade. O nosso objetivo é recolocar o problema de escopo e indicar o funcionalismo alético para contornar o problema.

Palavras-chave: Teoria da Verdade. Monismo. Substantivismo. Deflacionismo. Funcionalismo Alético.

Abstract: The problem that is addressed in this article is the scope problem of Theory of Truth. According to the received view, the scope problem consists in the fact that a theory of truth applies to a limited set of truth bearers. We think that the scope problem consists in the fact that a theory of truth assumes without foundation that only the applications of the concept of truth under its realm of explanation are genuine cases of truth. Our goal is to re-address the scope problem and indicate allelic functionalism to circumvent the problem.

Key words: Theory of Truth. Monism. Substantivism. Deflationism. Allelic Functionalism.

Introdução

Teoria da Verdade (TV) é o campo da Filosofia e da Lógica responsável por investigar a noção, conceito ou capacidade² a que chamamos “verdade”. A TV o faz de acordo com as

¹ Graduando-se em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Interesses atuais de pesquisa: (A) Teoria Funcional da Verdade (Funcionalismo Alético) no que toca ao problema da caracterização da verdade como uma propriedade funcional em resposta ao conflito entre as abordagens substantivista (monista) e deflacionista de Teoria da Verdade. (B) Teorias axiomáticas da verdade enquanto modelos para a compreensão formal do fenômeno da verdade na linguagem natural. E-mail: yurirodrigues329@gmail.com

² Neste contexto uma capacidade é algo que um portador de verdade pode fazer. Um portador de verdade é um objeto que pode ser verdadeiro ou falso, ou ainda outro valor semântico caso não se esteja tratando de um contexto clássico do ponto de vista lógico. Os portadores de verdade mais utilizados são **sentenças, crenças e proposições**. A capacidade mais comumente associada a portadores de verdade é a capacidade de corresponder aos fatos.

Habitualmente o termo padrão utilizado neste debate é “propriedade” e não “capacidade”, todavia como no nosso contexto o termo “propriedade” é utilizado no sentido de capacidade, então decidimos pelo termo “capacidade” para o efeito de facilitar a compreensão do leitor. Há teóricos da verdade que em vez desses termos preferem usar o termo “predicado”, mas já que este uso é específico de um conjunto restrito de teóricos, decidimos manter um uso aproximado do termo padrão (BURGESS; BURGESS, 2011, p. 47). Para facilitar a nossa exposição nós usaremos a simplificação “portador” em vez de “portador de verdade” quando acharmos conveniente para evitar repetições indesejadas e prolongamentos desnecessários.

O FUNCIONALISMO ALÉTICO CONSEGUE CONTORNAR O CONFLITO ENTRE MONISMO E DEFLACIONISMO NAS TEORIAS DA VERDADE?

três seguintes atividades:

- a) Explicar os papéis da verdade na linguagem natural e nas linguagens artificiais.
- b) Lidar com os problemas informais e formais da verdade como, por exemplo, o paradoxo do mentiroso e o problema do relativismo sobre a verdade.
- c) Argumentar contra ou em favor de uma fundamentação metafísica da verdade.

Também é um objetivo da TV explorar as consequências das abordagens e teorias da verdade em outros campos da Filosofia como a Teoria do Conhecimento, a Ética e a Estética.

1 O Conflito Entre Deflacionismo e Monismo

Existem tradicionalmente duas abordagens paradigmáticas e aparentemente conflitantes para definir e explicar a temática filosófica da verdade:

- a) Monismo³.
- b) Deflacionismo.

O monismo e o deflacionismo são frutos de esforços para explicar algumas aplicações comuns do conceito de verdade. Algumas teorias monistas são fruto do esforço para explicar porque temos a impressão de que o mundo é do mesmo modo que as nossas crenças verdadeiras dizem que ele é. Outras teorias monistas são fruto do esforço para explicar porque temos a impressão de que uma crença só pode ser verdadeira se não negar outras crenças verdadeiras. As teorias deflacionistas são comumente o resultado do esforço para explicar aplicações exclusivamente lógicas ou pragmáticas do conceito de verdade. Vejamos alguns desdobramentos desses esforços.

Existem dois tipos de teorias monistas da verdade: (M_1) teorias correspondencialistas e (M_2) teorias coerentistas⁴ (GLANZBERG, 2013). Para as teorias do tipo M_1 , se a um portador p pertence a **capacidade substancial**⁵ de corresponder aos fatos, então p corresponde ontologicamente aos fatos. Já para as teorias do tipo M_2 , se a um portador p pertence a capacidade substancial de estabelecer uma relação de coerência com outro portador q , então tal relação reflete conexões reais entre proposições. As teorias do tipo M_1 ou as teorias do tipo M_2 reivindicam respectivamente a correspondência com os fatos ou a coerência entre

³ Outro termo utilizado no lugar de “monismo” é “substantivismo”.

⁴ Por “coerência” entendemos o fato de um portador verdadeiro p estar válida e imediatamente encadeado com outro portador verdadeiro q .

⁵ De uma perspectiva monista a expressão “capacidade substancial” significa a presença de uma só capacidade compartilhada por todos os portadores de verdade e por ação da qual todos eles alcançam extensão ontológica.

portadores como as únicas causas em razão das quais um portador se torna verdadeiro (V) ou falso (F). É este gênero de reivindicação que torna essas teorias monistas.

Também existem dois tipos de teorias deflacionistas da verdade: (D₁) teorias moderadas e (D₂) teorias radicais (BURGESS; BURGESS, 2011, p. 33-46). Nas teorias do tipo D₁ nenhuma capacidade substancial pertence a um portador de verdade. Por exemplo, nessas teorias o fato de o predicado “é verdadeiro” ser aplicável a um portador *p* não implica que *p* corresponde aos fatos. Também não decorre dessa aplicabilidade que *p* estabelece relações de coerência que refletem conexões reais entre proposições. De um ponto de vista moderado geralmente o predicado “é verdadeiro” tem dois conjuntos de usos: (1) usos lógicos e (2) usos cognitivos. De acordo com o conjunto 1 o predicado “é verdadeiro” pode assumir três funções:

- c) Fazer generalizações (p.e., “‘tudo o que ele disse’ é verdadeiro”).
- d) Evitar repetições (p.e., “‘a conjunção entre aquelas proposições’ é verdadeira”).
- e) Desfazer citações (p.e., $\ulcorner p \urcorner$ é verdadeiro se, e somente se, *p*).

De acordo com o conjunto 2 o predicado “é verdadeiro” pode assumir a função de fazer um sujeito *S* reconhecer equivalências entre proposições (p.e., $\langle p \text{ é verdadeiro} \rangle$ se, somente se, $\langle p \rangle$). Enquanto isso, para as teorias do tipo D₂ nenhuma capacidade pertence a um portador de verdade. Nessas teorias um portador de verdade *p* não tem qualquer capacidade substancial nem tem qualquer uso lógico ou cognitivo porque *p* não tem nenhuma capacidade⁷. Assim, o predicado “é verdadeiro” é redundante ou meramente performativo não tendo respectivamente nenhum uso ou tendo apenas a utilidade de asseverar sentenças.

De acordo com o que foi dito acima teríamos razões para pensar que existe um conflito entre deflacionismo e monismo porque as teorias monistas da verdade defendem a tese de que exatamente uma capacidade substancial pertence a todos os portadores de verdade (WYATT; LYNCH, 2016, p. 323). Já as teorias deflacionistas da verdade defendem a tese de que nenhuma capacidade substancial pertence a todos os portadores de verdade (WYATT; LYNCH, 2016, p. 323). Notemos que as teses acima são contrárias entre si. Para que isso

⁶ Os símbolos “ \ulcorner ” e “ \urcorner ” são conhecidos como “aspas de canto” e sua função é produzir quase-citações ou citações quineanas. Uma quase-citação é uma citação heterodoxa que se refere à composição sintática de uma expressão e não à expressão citada. Por exemplo, a citação ortodoxa “*p*” se refere ao termo *p*, mas a quase-citação $\ulcorner p \urcorner$ se refere à composição sintática de *p*.

⁷ Alguns teóricos da verdade admitem que “é verdadeiro” é um predicado gramatical que não expressa nenhuma função além das funções gramaticais (BURGESS; BURGESS, 2011, p. 34).

fique claro vejamos as formas lógicas dessas teses:

- a) Tese monista: $\forall x \forall P (x \in P)$. Leia-se: “para toda capacidade substancial x e para todo portador de verdade P , x pertence a P ”.
- b) Tese deflacionista: $\forall x \forall P \neg (x \in P)$ Leia-se: “para toda capacidade substancial x e para todo portador de verdade P , não é o caso que x pertence a P ”.

Dois problemas decorrem do que foi exposto até aqui. O primeiro problema é o fato de que as teses acima são falsas. Em decorrência de assumir teses falsas o monismo e o deflacionismo instituem um **problema de escopo**. O problema de escopo consiste no fato de o monismo assumir uma tese que exclui sem fundamentação as aplicações do conceito de verdade no domínio do deflacionismo e vice-versa. Por exemplo, se assumirmos o deflacionismo, então perdemos o dispositivo de explicação das aplicações do conceito de verdade que estão no domínio do monismo. O mesmo acontece com o deflacionismo quando assumimos o monismo.

Devemos deixar claro que a limitação de objeto de estudo das teorias monistas e deflacionistas não é problemática em si mesma. O problema se deve ao fato de o monismo e o deflacionismo defenderem teses que deslegitimam sem razão para tal quaisquer aplicações do conceito de verdade que não sejam as suas. Em suma, essas abordagens querem provar mais do que podem, i.e., elas ultrapassam o seu escopo.

1.1 Terceira via: o funcionalismo alético

Pretendo trabalhar sobre a seguinte hipótese para lidar com o problema de escopo:

- a) O conflito entre monismo e deflacionismo mencionado acima é infundado e se deve à não compreensão do **funcionalismo** característico da capacidade denominada “verdade”.

Em outras palavras, a nossa hipótese afirma que as teses que fundamentam o monismo e o deflacionismo são falsas. Mas na medida em que substituímos as teses monista e deflacionista por teses verdadeiras vemos que o conflito se devia à não compreensão das capacidades funcionais da verdade. As teses em questão são (1) existem portadores de verdade aos quais pertence alguma capacidade substancial e (2) existem portadores aos quais não pertence nenhuma capacidade substancial.

**O FUNCIONALISMO ALÉTICO CONSEGUE CONTORNAR O CONFLITO ENTRE
MONISMO E DEFLACIONISMO NAS TEORIAS DA VERDADE?**

Uma teoria da verdade defensora dessa hipótese chama-se “funcionalismo alético” ou “teoria funcionalista da verdade”. O funcionalismo alético é uma teoria pluralista da verdade. O pluralismo é uma abordagem de TV que advoga que um portador pode ser V ou F por ação de uma multiplicidade de capacidades com naturezas distintas (ASAY, 2016, p. 1). Nesse sentido, as teorias pluralistas defendem as teses 1 e 2 (acima). Esta nova teoria da verdade (SMITH, 2010, p. 191) foi elaborada por Michael P. Lynch, mais especificamente, em um conjunto de três artigos e um livro (LYNCH, 2000; 2001; 2005; 2009). Este último é o seu ensaio mais elaborado, *Truth as One and Many* (2009). Por isto ***Truth as One and Many* (2009) será o referencial teórico básico para a elaboração da pesquisa aqui proposta.** O funcionalismo alético é responsável por defender que um portador pode ser V ou F por ação de uma multiplicidade de capacidades **funcionais**⁸ com naturezas distintas (ENGEL, 2013, p. 69). Vamos chamar essa tese de tese do funcionalismo alético (TFA).

A TFA pode ser explicada do seguinte modo: no funcionalismo alético a verdade é definida como uma capacidade funcional de segunda ordem⁹ de qualquer portador de verdade p . A possibilidade de manifestação dessa capacidade depende da inserção de p em determinado domínio de aplicação de portadores. Isso, por sua vez, depende de capacidades funcionais de primeira ordem (LYNCH, 2009, p. 70). Os portadores tem a capacidade funcional de primeira ordem de corresponder à realidade, estar em coerência com outros portadores, etc¹⁰. Uma vez manifestadas essas capacidades, os portadores exibem uma capacidade funcional de segunda ordem. Essa capacidade é a possibilidade de ser V ou F. Para que uma dessas possibilidades se concretize para um portador de verdade p é preciso que p cumpra um papel de verdade (*truth-role*). Por exemplo, vamos assumir sentenças como portadores de verdade. Podemos pensar que a sentença “o mar está verde” é apenas um conjunto de símbolos, mas que podem se manifestar como V ou como F na medida em que os interpretarmos. Tal interpretação atribui objetos e relações de um domínio D_n aos símbolos “o mar está verde” de uma linguagem L_n . Essa interpretação manifesta a capacidade de primeira ordem de “o mar está verde” corresponder à realidade ou não corresponder à realidade. Uma vez que os símbolos “o mar está verde” apresentam esse conteúdo de verdade podemos inferir que eles podem ser V ou F (capacidade de segunda ordem) porquanto um papel de verdade seja desempenhado. O papel em questão é corresponder à realidade. Por fim, se o portador

⁸ No funcionalismo alético uma capacidade funcional é uma capacidade de um portador de verdade p cuja manifestação depende de que p esteja vinculado a um domínio de aplicação.

⁹ Uma capacidade de primeira ordem é uma capacidade de um portador e uma capacidade de segunda ordem é uma capacidade de uma capacidade.

¹⁰ São essas capacidades que definem os domínios de aplicação dos portadores de verdade.

cumprir o seu papel, então ele se torna V ou F. O mesmo processo valeria para outros portadores de verdade sem capacidades substanciais.

Em suma, duas teses explicam a TFA:

- a) Existem diversas capacidades em função das quais um portador pode ser V ou F e cada uma delas pertence a um domínio diferente (DAVID, 2013, p. 42)
- b) Um portador é verdadeiro apenas quando a ele pertence certa capacidade pela qual ele desempenha um papel determinado (*idem*).

2 Razões para adotar o funcionalismo alético

É possível elencar duas justificativas para investigar o funcionalismo alético:

- a) Se a TFA for o caso, então haverá ganhos explicativos consideráveis que terão justificado a exploração do funcionalismo alético. A razão para tanto é que o conflito entre deflacionismo e monismo poderia ser contornado¹¹. Isso se deveria ao fato de que a existência de capacidades substanciais para certo conjunto de portadores verdadeiros não excluiria a existência de outros conjuntos de portadores verdadeiros sem capacidades substanciais. Por exemplo, enunciados morais poderiam ser considerados verdadeiros devido a capacidades contratuais. Enquanto isso, enunciados sobre objetos físicos poderiam ser considerados verdadeiros devido a capacidades de caráter correspondencial (WYATT; LYNCH, 2016, p. 330).
- b) Se pressupusermos que uma das finalidades de uma teoria é ser maximamente explicativa e se é o caso que a intenção do funcionalismo alético é maximizar os ganhos explicativos da TV, então seria metodologicamente inadequado não considerar o funcionalismo alético.

A relevância de examinar o funcionalismo alético como proponente para contornar o conflito entre o monismo e o deflacionismo se resume na promessa de tornar a Teoria da Verdade um campo de estudo com maior poder explicativo.

¹¹ Por “contornar” queremos dizer que o problema não será revertido porque não há um impasse para ser resolvido. Do nosso ponto de vista o conflito entre monismo e deflacionismo é um pseudoproblema gerado por uma má compreensão do funcionamento dos portadores de verdade.

Referências bibliográfias:

ASAY, Jamin. Putting Pluralism in its Place. **Philosophy and Phenomenological Research**, 2016. Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/ASAPPI.pdf>>. Acesso em: 11 outubro 2017.

BURGESS, Alexis; BURGESS, John P. **Truth**. Princeton: Princeton University Press, 2011. Princeton Foundations of Contemporary Philosophy.

DAVID, Marian. *Lynch's Functionalism Theory of Truth*. In: **Truth and Pluralism: Current Debates**, p. 42-68, Oxford: Oxford University Press, 2013.

ENGEL, Pascal. *Alethic Functionalism and the Norm of Belief*. In: **Truth and Pluralism: Current Debates**, p. 69-86, Oxford: Oxford University Press, 2013.

GLANZBERG, Michael. Truth. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2013. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/truth/#CohThe>>. Acesso em: 11 outubro 2017.

LYNCH, Michael P. Alethic Pluralism and the Functionalism Theory of Truth. **Acta Analytica**, Singapura, v. 15 (24), p. 195–214, 2000.

LYNCH, Michael P. *A Functionalism Theory of Truth*. In: **The Nature of Truth: Classic and Contemporary Perspectives**, Cambridge: Mit Press, 2001, p. 723-750.

LYNCH, Michael P. Alethic Functionalism and Our Folk Theory of Truth. **Synthese**, Holanda, v. 145, n. 1, p. 29-43, 2005.

LYNCH, Michael P. **Truth as One and Many**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

WYATT, Jeremy; LYNCH, Michael P. FROM ONE TO MANY: RECENT WORK ON TRUTH. **American Philosophical Quarterly**, USA, v. 53, n. 4, p. 323-340, 2016.